

A VIRALIDADE METAFÍSICA

METAPHYSICAL VIRALITY

Simona Vermeire¹

É Doutora em Ciências de Literatura / Literatura Comparada pela Universidade do Minho – UM (Braga, Portugal), com a tese intitulada *A viralidade em Saramago e Ionesco* (recebeu bolsa da Fundação da Ciência e Tecnologia – FCT de Lisboa, para a realização do Doutoramento). Atualmente é Pós-Doutoranda em Literatura Comparada na Universidade do Minho com um projeto de pesquisa dedicado às Plantas na obra de Thoreau e Jaime de Magalhães Lima, focando a sua atenção para aprofundamento ecocrítico de *Critical Plant Studies*. É Mestre (parte curricular) em Prática e Teoria da Imagem pelo Centro de Excelência em Estudo da Imagem pela Universidade de Bucareste, Roménia. É licenciada em Letras (Francês-Português) pela Universidade “Ovidius” de Constanta, Roménia.

RESUMO

A autorreplicação como funcionamento profundo de qualquer mecanismo viral constitui um cenário omnipresente que perfila as representações literárias da maioria dos textos de José Saramago. Numa atitude lúdica predileta para a desconstrução pós-moderna e as suas visões tecnologizadas específicas ao pós-humanismo, a imortalidade torna-se possível no romance *As Intermitências da morte* apenas num plano de indeterminação somática. Comutar esta experiência com a morte e a morte de novo com o horizonte da imortalidade, em processos de irrupção epidémica, seria um bom pretexto de reflexão sobre a nossa finitude e a possível eternização do corpo ameaçado pela indeterminação metafísica. O escritor propõe novos cenários transcendentais a partir destes quiasmos entre a morte e a imortalidade para questionar o potencial regularizador do ser através da morte, tanto em termos ontológicos, metafísicos, sociais e económicos. O nosso intuito é de ler este romance como diálogo metafísico entre a viralidade de ser e a viralidade de não ser, dois fluxos epidémicos deturpando-se um ao outro através das possibilidades tecnológicas atuais aludidas neste processo de alcançar uma possível eternidade do corpo, mas não isento de sofrimento e degradação.

Palavras-chave: Saramago; Viralidade; Autorreplicação; A teoria da singularidade tecnológica; Tanatopoesis.

ABSTRACT

*Self-replication, as a deep functioning of any viral mechanism, constitutes an omnipresent scenario that outlines the literary representations of most of José Saramago's texts. In a ludic attitude preferred by the postmodern deconstruction and its technologized visions specific to post humanism, immortality becomes possible in the novel *Death with Interruption* only on the level of somatic indetermination. To alternate this experience with death and death again with the horizon of the immortality, in a continuous process of epidemic irruption, would be a good pretext for reflection on our finitude and the possible eternalization of the body threatened by metaphysical suspension. The writer proposes new transcendental scenarios from these chiasms between death and immortality to question the regularizing potential of being through death in both ontological, metaphysical, social, and economic terms. Our aim is to read this novel as a metaphysical dialogue between the virality of being and the virality of not being, two epidemic streams sticking one to the other through the current technological possibilities alluded in this process of reaching a possible eternity of the body, but not free from suffering and degradation.*

Keywords: Saramago, Virality; Self-replication; The theory of technological singularity, Tanatopoesis.

O paradigma das representações ficcionais patentes na obra de José Saramago, realçando um potencial tóxico viral, indica uma eclosão ontológica na sua dimensão parasitária, para além do plano somático. Este 'viral turn', inflacionando a praga em várias obras¹ do escritor, enfatiza novos horizontes de representação literária, ou seja, uma 'patografia' do mundo contemporâneo, cujo perfil imunológico já não se relaciona com questões mitológicas, nem com soluções médicas e/ou justificações fisiológicas. Assim, uma inédita sintomatologia avassaladora dos germes irrompe em *Jangada de Pedra* (epidemia de mulheres grávidas), *O Ensaio sobre a Lucidez* (epidemia de voto em branco), *O Ensaio sobre a Cegueira* (epidemia de cegueira branco) e em *As Intermittências da Morte* (surto epidémicas alternando a imortalidade com a mortalidade). Debruçando-nos com atenção sobre estes modos de proliferação parasitária, observamos uma generalização viral que altera radicalmente não apenas o plano biológico, mas também o plano mental e metafísico.

Neste artigo, adotaremos uma tomada de posição relativamente às alterações ontológicas e metafísicas que o novo paradigma tecnológico pode induzir: a imortalidade possível como surto viral no romance *As Intermittências da Morte*. Neste sentido, elaboraremos uma leitura crítica a partir de uma sucinta exploração da ontologia viral e da sua expressão cultural, a viralidade, contextualizada no horizonte epistemológico futurista, a teoria da singularidade tecnológica. Por outras palavras, a imortalidade possivelmente alcançada através das novas tecnologias e expressada como uma patologia viral induzida, constitui um pretexto para redefinir um novo horizonte metafísico.

Seguindo esta leitura, onde o vírus é protagonizado como agente de mutação ontológica, 'cavalo troiano' carregando mundividências de um arquivo biológico eterno, questionamos as mutações que corrompem radicalmente a ideia de transcendência, mas também de transição da morte para imortalidade, como da morte (como personagem enfatizando a ausência) para a vida (com todas as suas consequências somáticas). É interessante observar a inversão de uma situação comum que Saramago aplica na maioria dos seus textos, contradizendo o fluxo natural da vida e da sua história civilizacional. Em *Intermittências da Morte*, o vírus funciona como um interruptor que alterna a imortalidade com a morte, catapultando as vítimas a caos metafísico.

O romance inicia com esta situação absurda que verifica um registo quotidiano isento dos benefícios da morte. Nenhuma força tanática alivia mais o sofrimento e a

degradação contínua do corpo num horizonte de gerontocracia eterna. Mas a situação regulariza-se com o reaparecimento da morte, alternando de uma forma absurda horizontes ontológicos e meontológicos. Desta vez, passando da representação do imaginário comum de negação da vida, do esqueleto para a sua somatização numa mulher fatal de 36 anos. É nesta mutação fenomenológica que se manifesta, na essência da morte, o vírus da vida, através de um veículo estético, o sublime da música. Verificamos desta forma que, na ótica de José Saramago, o vírus não é apenas o parasita absoluto do paradigma do vivo em geral, capturando continuamente a essência concreta do mundo, mas pode ser também um agente parasitário que modifica, paradoxalmente, a essência da morte, cancelando o seu efeito aniquilador. Entidade sem ontologia estável², alternando eternamente ciclos de vida e de morte em função da possibilidade de invadir o código genético do outro ser, o vírus inspira este cenário ficcional que permuta a epidemia natural da morte com uma epidemia da imortalidade: "Neste processo de devir, o parasita torna-se um subversor da nossa condição ontológica, um pretexto filosófico questionando o perfil metafísico humano através de catástrofes epidémicas³ tocando o inverossímil, mas conhecendo, ulteriormente, desenvolvimentos lógicos e coerentes do enredo narrativo. Estas situações dilemáticas proporcionam o discurso liminar daquilo que chamamos a viralidade metafísica.

Conceito hodierno e proteiforme, comum a várias áreas do conhecimento, a viralidade⁴ amplifica o mecanismo

¹*A História do Cerco de Lisboa* (a peste), *Levantado do Chão* (peste), *O Ano 1993* (a peste e a epidemia de bestas mecanizadas), *O Memorial do Convento* (a febre amarela), *A Jangada de Pedra* (a epidemia de mulheres grávidas), *Ensaio sobre a Lucidez* (a epidemia de voto em branco), *Ensaio sobre a Cegueira* (a epidemia de cegueira branca), *Que farei com este Livro?* (epidemia de peste).

²"Standing as they do on the border between the 'living' and the 'non-living', and virtually real, viruses serve to challenge almost every dogmatic tenet in our thinking about the logic of life, defying any tidy division of the physical, such as we find in Kant, for example, into organisms, the inorganic, and engineered artifacts" (ANSELL-PEARSON, 1997, p. 133)

³"In an epidemic, people see in advance a death; it takes place under their very eyes" (CANETTI, 1962, p. 319).

⁴O neologismo "viralidade" é derivado do seu uso adjetival "viral" reivindicado da esfera informacional dos conteúdos digitais. O conceito é discutido por Tony D. Sampson, no seu livro *Virality* (2011), no qual o autor apresenta argumentos sólidos que justificam o recurso ao novo lexema, conceptualizando esta nova praga da humanidade. Thierry Bardini, sociólogo e pensador contemporâneo de renome no tocante à esfera da virologia, agrega vários contributos conceptuais, quer de Burroughs, Baudrillard, Deleuze, Derrida e Susan Sontag, quer de outras vozes da cultura popular (filmes e música da atualidade), no seu artigo intitulado "Hypervirus: A Clinical Report" (2006), a fim de demonstrar a onnipresença e a ubiquidade do "hipervírus" na quarta fase atual do capitalismo: "At the beginning of the 1980s, the logistic curve of the hypervirus (the virus "virus") passed its first critical point (i.e. second order inflexion). Materializing the cybernetic convergence of carbon and

de autorreplicação, para além do plano biológico, ao envolver a noosfera, a economia, a psicologia e a comunicação, num sistema global de eclosão epistemológica.

Destacando uma ameaça viral generalizada proporcionada pela globalização, os autores Michael Hardt e Antonio Negri, no estudo *Empire*, afirmam que a nossa época é do contágio universal (2000, p. 136). Assim, nos meandros desta proliferação cancerígena, a *virontologia* (passe o neologismo) torna manifesto um complexo temático obsessivo de José Saramago: a autorreplicação, um flagelo viral que submete a vida a uma ditadura dissipadora, de ‘escorregamento’ pelas veias de própria existência. Refletir sobre a viralidade através do discurso literário seria um ato de criação da memória imunológica. Esta ‘vacina literária’ foi conceptualizada por Priscilla Wald em *Contagious. Culture, Carriers, and the Outbreak Narrative*, sob a etiqueta de “outbreak narrative”⁵. Na verdade, o discurso ficcional dá relevo a uma inquietação geral no que diz respeito à vulnerabilidade do sistema imunitário do ser: a imunodeficiência consiste numa suscetibilidade geral à replicação (o hipervírus que nos

silicon, it infected computers and human alike at unprecedented levels. From this point on, an explosive diffusion in «postmodern culture» emerged, eventually its plateau near saturation, redefining culture as a viral ecology.”

⁵“The possibility informs what I call “the outbreak narrative”, an evolving story of disease emergence that I will chronicle herein. Following the introduction of the human immunodeficiency virus (HIV) in the mid 1980s, accounts of newly surfacing diseases began to appear with increasing frequency in scientific publications and the mainstream media world.” (Wald, 2008, p. 2)

⁶“C’est un temps tout à fait parasite, mais le parasite peut être tantôt un adjuvant, tantôt un obstacle. Au sein du temps du parasite: l’évolution produit un parasite qui produit l’évolution, en greffant sur les deux procédures élémentaires de celle-ci: d’un côté la mutation, qu’on peut bien considérer comme un bruit introduit dans un message écrit: le code génétique. Le bruit introduit le hasard et une altération de l’ordre, qui est donc aussi une altération du sens. D’un autre côté, il y a la sélection, c’est-à-dire le fait que le sens soit le sens d’une circulation irréversible. Le parasite, donc, est l’élément de l’évolution: il interrompt une répétition, il fait bifurquer la série du même.” (Serres, 1997, p. 334)

⁷Tendo em conta que o contágio viral pode ser interpretado como uma forma de comunicação involuntária, de uma doença, de uma ideia ou de um sentimento, comungamos da opinião de Susan Blackmore: “We can now see that the idea of a virus is applicable in all three worlds – of biology, of computer programs and of human minds. The reason is that the all three systems involve replicators and we call particularly useless and self-serving replicators ‘viruses.’” (1999, p. 22).

⁸Os temas são definidos por Susan Blackmore no artigo “The Third Replicator”, publicado no jornal The New York Times: “[...] in the early 21st century, we are seeing the emergence of a third replicator. I call these memes (short for technological memes, though I have considered other names). They are digital information stored, copied, varied and selected by machines. We humans like to think we are the designers, creators and controllers of this newly emerging world but really we are stepping stones from one replicator to the next.” (Blackmore, 2010)

transforma em máquinas replicadoras), que nos projeta numa amnésia ontológica e metafísica. O certo é que esta ‘hemorragia’ viral do mundo tanto pode intensificar a nossa expressão exuberante do modo de viver, como o nosso percurso para a morte. As ferramentas de sobrevivência adquirem, ao longo da evolução humana, este potencial complementar de adaptação no confronto com os agentes patológicos, parasitas detentores de um papel paradoxal, simultaneamente subversivos e adjuvantes⁶.

Serão estes cenários ficcionais um meio de adaptação emocional que reforça a imunidade contra a recorrência do mal, ou, por outras palavras, contra a angústia perante a morte e, sobretudo, perante a forma de morrer? Nesta sequência, o narrador do romance *Manual de Pintura e de Caligrafia* afirma claramente: “Tenho (ou tive na adolescência, e ainda me resta) a obsessão da morte, ou não tanto da morte, mas do morrer.” (1993, p. 140).

De uma forma muito sucinta, passamos em revista os três replicadores⁷ virais patentes na obra de Saramago: os replicadores somáticos que se manifestam numa expressão viral a nível biológico (a peste), os replicadores miméticos que são responsáveis pela proliferação de ideias (o voto em branco do Ensaio sobre a Lucidez) e os replicadores teméticos⁸ que subvertem a ontologia humana em favor das novas entidades tecnológicas (a epidemia de bestas mecânicas e digitais no poema em prosa *O Ano 1993* e a epidemia da imortalidade em *Intermitências da Morte* e das mulheres grávidas em *Jangada de Pedra*, aludindo à recodificação genética humana). Tendo em vista esta corrupção viral de qualquer tipo de informação que fragiliza o sistema axiológico vigente na civilização humana, Saramago enfatiza no romance *As Intermitências da Morte* a artificialização transcendental através da aludida manipulação tecnológica da morte. Ao expor o humano a uma mudança de paradigma ontológico, devido a uma aceleração exponencial da inteligência artificial, os replicadores tecnológicos constituem uma importante forma de representação literária da viralidade. Saramago não incide diretamente sobre esta possibilidade de alteração ontológica através das novas tecnologias, mas o ineditismo da situação epidémica da imortalidade obriga-nos a considerar as teorias da singularidade tecnológicas.

O primeiro cientista que utilizou o conceito de “singularidade” foi o matemático húngaro, Jon von Neumann, numa entrevista dada a Stanislaw Ulam (1958, p. 5), mas a singularidade tecnológica foi definida pelo escritor de ficção científica Venor Vinge no seu artigo “The Coming Technological Singularity: How to Survive in the Post-Human Era”, no qual dá ênfase a

uma inteligência artificial superior, adquirida através das novas tecnologias: "Within thirty years, we will have the technological means to create superhuman intelligence. Shortly after, the human era will be ended." (1993, pp. 11-12). Ao observar a evolução exponencial da inteligência prolongada e aumentada pela via da rede digital (a internet), das técnicas de bioengenharia e de cibernética, Vinge alerta a humanidade para uma possível mutação ontológica: a adaptação tecnológica ultrapassa facilmente os limites da seleção natural. Quanto a Ray Kurzweil, no seu livro *The Singularity is Near: When Humans Transcend Biology* (2005), ele corrobora a mesma ameaça da raça humana pela amplificação da inteligência carregada pelo paradigma digital. Neste caso, os replicadores tecnológicos, os temas, dotados de uma inteligência superior à dos humanos, terão o poder de decidir o destino do mundo e, conseqüentemente, de utilizar a nossa existência como uma fonte energética e provocar a nossa extinção.

Ainda imprevisível a nível científico, porquanto esta inteligência tecnológica emergente não conhece referências na nossa realidade empírica, o cenário da singularidade constitui um pretexto prolífico para a especulação ficcional. Neste sentido, a repentina epidemia da imortalidade que surge no *incipit* do romance pode ser contextualizada numa viragem pós-estruturalista em biologia (SLOTERDIJK, 2013, pp. 176-177), tendo em vista que o apagamento da morte do horizonte da experiência humana poderia ser feito através de uma autorreplicação tecnológica em desfavor do *tempo* vital normal. Apesar desta suspensão na imortalidade, o corpo físico altera-se, segundo as leis da mortalidade, configurando um quadro distópico da sociedade que se vai progressivamente alterando no contexto da praga biótica e reinterpretando a poética do transumanismo, que promete, através das conquistas tecnológicas, a manutenção eterna do fogo prometeico. No entanto, a variante ficcional de Saramago desmistifica a dimensão de manutenção artificial da vida, propondo uma distopia contextualizada no próprio veículo da vivência eterna: o corpo humano.

A morte, deslocada do centro da experiência – como única certeza da condição humana – para a periferia ontológica, transfere o indivíduo para uma dimensão saturada do orgânico, desintegrando-se numa ordem simbólica do corpo esvaziado do seu conteúdo transcendental. Por consequência, a dimensão do incomensurável, do sublime e do inefável será obliterada num abismo fenomenológico do abjeto ou

do paradigma da mesmidade insuportável inerente à eternidade da vida. O singular perde a sua inscrição no tempo limitado, no aqui e no agora, para se reconstituir numa generalização anónima. Não é por acaso que Saramago associa o episódio da imortalidade a uma epidemia que reflete a ausência da morte como um mundo primando por uma rede de lacunas (económicas, sociais, religiosas e filosóficas), ligando a mortalidade a um cenário erótico que envolve a imanência, o sublime e a cinética poética dos sentidos reencontrados. A modulação disfórica da carne em permanente degradação capta a voz de uma vida projetada no sofrimento puramente físico, sem horizonte metafísico. Sem possibilidades de nadificação, a sociedade implode em todas as suas vertentes, possibilitando uma realidade macabra, a de corpos alimentando um "cemitério de vivos onde a fatal e irrenunciável velhice seria cuidada como deus quisesse, até não se sabe quando, pois os seus dias não teriam fim [...]" (SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, p. 34)

Esta poética inconclusiva da vida determina uma nova combinação de representações ficcionais, "algo de novo na relação clássica dos mortais" (SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, p. 148) que interroga o imaginário do corpo imortal postado num horizonte crepuscular do ser, criando uma lacuna metafísica, sem possibilidade de transcendência. O início do novo ano identifica-se com o início de um ciclo, o da ausência da velha Átropos, desajustando pela sua greve o destino inelutável da humanidade: "A passagem do ano não tinha deixado atrás de si o habitual e calamitoso regueiro de óbitos, como se a velha átropos da dentuça arreganhada tivesse resolvido embainhar a tesoura por um dia." (SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, p. 13). A greve da morte num contexto económico e político capitalista demonstra-se fatal, lançando o ser numa dimensão inconclusiva de luto e de ansiedade pela própria finitude. Assim, a sociedade torna-se o reino da velhice e da fadiga do corpo, no qual o excesso orgânico se cristaliza numa imagem de barbaridade estética: "...em cada dia que passasse, mais decadentes, mais tristemente decompostos, o rosto enrugando-se, prega a prega, igual que uma passa de uva (...)" (SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, pp. 28-29). A pulsação da vida eterna impõe um desequilíbrio orgânico, entre a expansão infernal demográfica e a contração do corpo numa morfologia insustentável de velhice. Sendo assim, a proliferação dos corpos "tristemente decompostos" parece constituir uma representação do luto orgânico pela morte recicladora, uma extrema mortificação somática corroboradora de uma subversão simbólica da vida.

O excesso vital crônico, estimulador de uma proliferação demográfica, faz irromper uma força psíquica contrária pela lei da *enantiodromia*⁹, invertendo esta utopia de perpétua exuberância da carne imortal, que desagua numa fenomenologia macabra de senectude. Somatizando e generalizando o ato de leitura do mundo, Saramago parece inserir neste romance uma questão (“Que farei com este corpo?”), que entra em diálogo intratextual com a sua peça de teatro relacionada com a obra de Camões (*Que Farei com Este Livro*): “Que vamos fazer com os velhos, se já não está aí a morte para lhes cortar o excesso de veleidades macróbias.” (SARAMAGO, *As Intermittências da Morte*, p. 31). Esta excrescência vital, exacerbando-se numa decrepitude epidêmica, reflete a lei da enantiodromia – “passar para o lado oposto” –, ou seja, transitar para a emergência do senex nos antípodas da juventude obnubilada.

Numa descrição plástica e crua, que lembra os poemas satíricos e a filosofia do cinismo de Diógenes, a senilidade torna-se uma realidade coletiva, ridicularizando as expetativas narcisistas da humanidade no tocante à sua ‘vida’ eterna. Desta forma, a conjunção enantiodromática que Saramago propõe nestas figuras, vivas e mortas em simultâneo, questiona uma lei básica da lógica aristotélica, a lei da não-contradição, que explora a condição paradoxal humana numa dimensão de lógica ficcional. Neste caso, a

⁹O termo foi recuperado por Jung a partir do conceito de Heráclito: “Littéralement, course en sens contraire, exprime l’antagonisme du devenir, l’idée que tout ce qui ce qui est se transforme en sens contraire. «Ce qui vit meurt, ce qui était mort renaît; ce qui est jeune vieillit et ce qui est vieux redevient jeune, ce qui veillait s’endort et ce qui dormait s’éveille; jamais ne s’arrête le courant de destruction et de création». [...] Telle est l’enantiodromie d’Héraclite, selon ses interprètes autorisés. Nombreux sont les passages d’Héraclite qui indiquent cette idée. «La nature elle-même tend à l’antagonique; de là vient son harmonie – non de l’identique.»”. Prossequindo neste movimento maniqueísta que reestabelece o equilíbrio universal, Jung desenvolve o conceito relativamente à psique: “J’appelle énantiodromie l’apparition de la contreposition inconsciente, notamment dans le déroulement temporel. Ce phénomène caractéristique se produit presque toujours lorsqu’une tendance extrêmement unilatérale domine la vie consciente, de sorte que peu à peu il se constitue une attitude opposée tout aussi stable dans l’inconscient; elle se manifestera d’abord par une inhibition du rendement conscient puis interrompra progressivement son orientation trop unilatérale.” (Jung, 1993, p. 425).

¹⁰Na mitologia grega, Títon é um príncipe de Tróia (filho do rei Laomedonte, irmão de Príamo) que se apaixona pela deusa Eos ou Aurora. Desejosa de acompanhar para sempre o seu namorado, a deusa Aurora pede a Zeus a imortalidade para Títon, mas esquece-se de exigir, também, a juventude eterna. (Diderot, 1993)

¹¹Termo relativo à área da computação, sistemas de informação, eletrônica e cibernética, indicando um erro do sistema. Estes sinais sonoros que identificam os erros constituem a base da música eletrônica. Para além disso, “materializado” nos *pixels* da imagem digital, o *glitch* é utilizado também como “ferramenta” nas artes visuais digitais (Glitch Art).

variante da imortalidade proposta por Saramago explora, num registo irónico, o mito antigo de Títon¹⁰, devido à *húbris* que levou o homem a cair na tentação de alcançar a imortalidade dos deuses, ou seja, uma “títonização”, uma proposta conceptual para inserir a vivência tanática num corpo precário, latência de uma morte sempre almejada. Conciliando o lado angustiante da senectude, como delinquência física, esterilidade e perda da sedução, e o lado encantador da velhice, revelado pela sabedoria, Saramago torna patente a sua atitude irónica em relação ao sonho atual da humanidade que consiste em prolongar a vida, mesmo no limbo de uma eterna velhice, como Jankélévitch sugeriu: “Une vie de vieillard éternel vaut mieux que la mort” (1974, p. 64).

A partir de um nível abstrato e filosófico de reflexão sobre a ausência, que perpassa ironicamente o discurso saramaguiano em diálogo intertextual com a obra existencialista de Sartre, *O ser e o nada*, os velhos ganham protagonismo, não em termos axiológicos ou em matéria de sabedoria, mas no que diz respeito à administração demográfica dos padecentes entre o território da vida eterna e a transgressão dos seus limites. Ecologizar a abjeção dos “despojos humanos” torna-se, pois, uma questão transfronteiriça, não apenas em matéria de espaço, mas, sobretudo, em termos ontológicos, ou seja, de inserção do corpo precário no território-necrópole do país vizinho. Neste sentido, a morte perde o seu carácter ‘indefinível’ e adquire uma vertente mercenária através das ações subterrâneas da “máfia”, que age como uma entidade divina, postulando práticas ilegais para solucionar a incompletude do ser, isento da própria morte. Assim é que o agente humano se encarrega de substituir o “agente metafísico”, a fim de interromper este fluxo absurdo de agonia que rebaixa o corpo a um estado de excreção residual. Neste caso, a morte torna-se uma tecnologia de felicidade que se opõe ao movimento de “morrer eternamente”, uma *tanatopoiesis* imbricando o crime e a eutanásia. Assim, a máfia, uma espécie de Caronte contemporâneo, transforma o país vizinho num espaço de quarentena onde o excesso biótico regulariza-se, diminuindo a inflação de doentes em “estado de vida suspensa”. Colaborando com as famílias sobrecarregadas com estes corpos supérfluos, a máfia comuta a transgressão ontológica e devolve à economia em colapso, a morte necessária para o seu bom funcionamento.

Neste cenário de síncope de morte no qual a velhice é representada como uma estética de “erro”, aludimos uma tendência pós digital da música eletrônica, nomeadamente a estética do *glitch*¹¹ ou do erro intencional no código binário 0-1. Na senda desta lógica de materialização de uma “ausência” interpretada como

erro ou falha na suspensão da morte e/ou na permanência na velhice, entendemos a ênfase dada por Saramago à senectude degenerativa como a atualização de um *glitch*, uma “sinalização” estridente de um erro no sistema ontológico: com efeito, a supressão do código “0” (neste caso, a morte) desencadeou o excesso vital do código “1”, concretizado na decrepitude. Este traumatismo somático, prolongado num devastador esgotamento orgânico e psicológico, resolve-se pelas intermitências da aparição da morte, situada entre as modalidades aléticas de possibilidade (experimentar a morte como opção de localização geográfica), ou de necessidade (o ressurgimento de morte através das missivas, que redirecionam o ser para o seu apagamento).

A protagonização da morte, através de uma dinâmica teatral, complexifica a trama do romance, que funciona como um vórtice ontológico entre o ser e o não ser. Esta fronteira transcendental “que só nos mapas é visível” (SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, p. 42) é marcada claramente pela reaparição da morte num quadro mediático. Avisando das suas intenções, numa carta violeta, de acabar com o colapso gerado por um horizonte de imortalidade, a Morte resolve um ‘furo metafísico’ que torna o devir humano sem possibilidades de inscrição no evento “único”, singular, irrepitível. Superar esta situação aporética de viralidade metafísica que catapulta o corpo numa agonia eterna intensifica uma estranha ânsia pela morte. Mas, a carta violeta que avisa a reaparição da morte suscita uma tanatofobia generalizada e um trespasse psicológico prolongado que contradiz a tendência atual de escamotear a morte¹². Irrupendo no quotidiano, de uma maneira sensacional, a morte torna-se um ‘escândalo’ mediático, provocando questionamentos filosóficos, científicos e religiosos. A sua hipertrofia, como impacto em nível de consciência coletiva, indicia a autoridade da imprensa, encarada como única fonte de reabilitação da credibilidade do evento fatal.

A missiva violeta que, na visão da morte, é uma “pequena amostra do que para eles seria viver sempre” (SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, p. 105) torna este novo trespasse ontológico inaceitável, pois perder a prometida imortalidade transmuta a sociedade numa clínica de agonia. Ao regularizar o seu labor tanático, a morte oferece um prazo de tolerância de sete dias para que os avisados tenham a possibilidade de concluir as suas tarefas económicas e emocionais. Esta semana fatídica inverte o cenário bíblico do *Génesis*, indiciando as etapas necessárias para a desconstrução ‘capitalista’ da existência. Numa ironia suprema, os moribundos acham estratégias de subversão tanto metafísica, pelo estoicismo de suicídio fingido, como social, pela insubmissão aos deveres cívicos, entregando-se ao excesso e à corrupção:

Além daquelas pessoas, já mencionadas antes, que, impelidas por uma ideia distorcida de vingança a que com justa razão se poderia aplicar o neologismo de pré-póstuma, decidiram faltar ao cumprimento dos seus deveres cívicos e familiares, não fazendo testamento, nem pagando os impostos em dívida, houve muitas que, pondo em prática uma interpretação mais do que viciosa do *carpe diem* horaciano, malbarataram o pouco tempo de vida que ainda lhes ficava entregando-se a repreensíveis orgias de sexo, droga e álcool, talvez pensando que, incorrendo em tão desmedidos excessos, poderiam atrair sobre as suas cabeças um colapso fulminante ou, na sua falta, um raio divino que, matando-as ali mesmo, as furtasse às garras da morte propriamente dita, pregando-lhe assim uma partida que talvez lhe servisse de emenda. Outras pessoas, estóicas, dignas, corajosas, optavam pela radicalidade absoluta do suicídio, crendo também que dessa maneira estariam a dar uma lição de civilidade ao poder de tãnatos, [...] Escusado seria dizer que todas estas tentativas se malograram, à exceção de algumas pessoas que reservaram o seu suicídio para o último dia do prazo. Uma jogada de mestre, esta sim, para a qual a morte não encontrou resposta.

(SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, pp. 137-138)

A carta violeta faz deflagrar o luto geral pela antecipação do evento fúnebre¹³, causando uma revolta contra a viralidade pela nadificação programada que transforma a sociedade numa radiografia de moribundos estigmatizados e desconsolados. Tudo se converte num processo de politização da morte, de tagarelice metafísica, de intertextualidade paródica atualizada em títulos sensacionais que aludem a documentos administrativos, a romances policiais e a dramas sentimentais:

[...] estas páginas convulsas, agitadas, manchadas de títulos exclamativos e apocalípticos que se podem dobrar, guardar no bolso e levar para reler em casa com todo o vagar e de que nos contentaremos com espigar aqui estes poucos mas expressivos exemplos, Depois Do Paraíso O Inferno, A Morte Dirige O Baile, Imortais Por Pouco Tempo, Outra Vez Condenados A Morrer, Xequé Mate, Aviso Prévio A Partir De Agora, Sem Apelo E Com Agravo, Um Papel De Cor Violeta, Sessenta E Dois Mil Mortos Em Menos De Um Segundo, A Morte Ataca À Meia-Noite, Ninguém Foge Ao Seu Destino, Sair Do Sonho Para Cair No Pesadelo, Regresso A Normalidade, Que Fizemos Nós Para Merecer Isto, et caetera, et caetera. (SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, p. 116)

¹²“La mort dans cette dialectique de la mortalité et de l’immortalité est devenue quelque chose de pensable et d’imaginable. Elle est enfermée dans les métaphores. Elle est présentée comme un voyage, une maladie ou une naissance. L’idée de l’immortalité ne nous conduit pas vers l’ignorance de l’idée de la mort, mais par contre, vers l’acceptation de sa présence. Nous découvrons grâce à cela, la réalité de la mort comme un événement, qui vient et qui a lieu. Cette réalité se passe mais garde tout de même son caractère inévitable.” (Morin, 1970, p. 22)

¹³“Me voir déjà mort avant que d’être mort [...]. Bref, la hantise du futur antérieur.” (Ricoeur, 2007, p. 39).

Este cenário mediático, que vulgariza um processo viral metafísico, focaliza ironicamente a atuação incoerente da morte, proferindo invectivas contra a nadificação. Com efeito, a morte sai dos arquivos do imaginário metafísico e religioso, para entrar nos arquivos do simulacro dos *mass media*, através de vários textos onde se identifica em termos hierárquicos em relação à sua congênera grafada com maiúscula:

... eu não sou a Morte, sou simplesmente morte, a Morte é uma cousa que aos senhores nem por sombras lhes pode passar pela cabeça o que seja, vossemecês, os seres humanos, só conhecem, tome nota o gramático de que eu também saberia pôr vós, os seres humanos, só conheceis esta pequena morte quotidiana que eu sou, esta que até mesmo nos piores desastres é incapaz de impedir que a vida continue, um dia virão a saber o que é a Morte com letra grande, neste momento, se ela, improvavelmente, vos desse tempo para isso, perceberíeis a diferença real que há entre o relativo e o absoluto, entre o cheio e o vazio, entre o ainda ser e o não ser já, e quando falo da diferença real estou a referir-me a algo que as palavras jamais poderão exprimir, relativo, absoluto, cheio, vazio, ser ainda, não ser já, [...] (SARAMAGO, *As Intermittências da Morte*, p. 118)

Até um certo ponto, esta similaridade projeta-se em nível de hierarquia das mortes secundárias em relação à Morte suprema, ausência incompreensível e intraduzível na linguagem humana e que expressa o nada: “absoluto”, “vazio”, “não ser já”. Se a Morte não pode pisar o ‘cenário’ onde atuam as leis da existência, convoca as suas subordinadas, cujo trabalho em excesso reside na limpeza das excrescências da vida, tarefas anónimas e rotineiras. Ter em conta o nada de uma forma sistemática, hierarquizando-o e desintegrando-o mercê da distribuição de papéis operários, oferece ao texto uma ‘aura’ alucinante, porquanto se trata de uma taxinomia impossível. No entanto, Saramago propõe uma leitura ordenada das mortes, a fim de poder inserir no seu romance o conceito da metamorfose, como único modo de entender a morte através da vida: “Em que momento morreu o bicho-da-seda depois de se ter fechado no casulo e posto a tranca à porta, como foi possível ter nascido a vida de uma da morte da outra, a vida da borboleta da morte da lagarta, (...)” (SARAMAGO, *As Intermittências da Morte*, p. 78)

As intermitências entre ser e não ser ilustradas em termos de representação literárias como uma tábua de xadrez no romance de Saramago apontam para uma metafísica contemporânea que rejeita a morte como uma etapa necessária à plenitude da vida. Não é por acaso que o final, aparentemente jovial do romance,

sugerindo uma praga reiterada de imortalidade, abre o horizonte a uma outra ‘epopeia’ disfórica do viver humano, apesar de o amor e a sua sublimação musical indiciarem um possível antídoto para esta viralidade metafísica cíclica.¹⁴ As valências simbólicas desta precariedade da condição transumanista, que tem a ambição de eternizar o corpo, tornam-se, no romance *As Intermittências da morte*, num colapso metafísico do ser, num fracasso da hodierna condição humana isenta da sua dimensão transcendental.

Referências bibliográficas

ANSELL-PEARSON, Keith. *Viroid Life: Perspectives on Nietzsche and the Transhuman Condition*. London: Taylor & Francis e-Library, 2002.

BARDINI, Thierry. “Hypervirus: A Clinical report” in *1000 Days of Theory*. 2006. Disponível em <www.ctheory.net/articles.aspx?id=504>, Consultado em 27 de dezembro de 2013.

BLACKMORE, Susan. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

_____. “The Third Replicator” in *The New York Times*. 2010. Disponível em <http://opinionator.blogs.nytimes.com/2010/08/22/the-thirdreplicator/?_php=true&_type=blogs&_r=0>. Consultado em 13 de novembro de 2013.

CORBETT, Philip B. “More Weary Words” in *The New York Times*. 2009. Disponível em <<http://grammar.about.com/od/tz/g/tropeterm.htm>> Consultado em 13 de setembro de 2013.

CANETTI, Elias. *Crowds and Power*. London: Gollancz, 1962.

DIDEROT, Denis; ALEMBERT, Rond Jean. *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. Paris: Éditions Flammarion, 1993.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *L'irréversible et la nostalgie*. Paris: Flammarion, 1974.

JUNG, Carl Gustave. *Types psychologiques*. Genève: Georg Éditeur S.A., 1993.

KURZWEIL, Ray. *The Singularity is Near*. London: Penguin Books, 2005.

MORIN, Edgar. *L'homme et la mort*. Paris: Seuil, 1970.

¹⁴Esta é uma questão que deve, entretanto, ser abordada em outro artigo.

SAMPSON, Tony D.. *Virality. Contagion Theory in the Age of Networks*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

SARAMAGO, José. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Caminho, 1985.

_____. *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

_____. *Que Farei com Este Livro?*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

_____. *Manual de Pintura e de Caligrafia*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

_____. *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

_____. *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

_____. *As Intermittências da Morte*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

_____. *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

SERRES, Michel. *Le Parasite*. Paris: Hachette, 1997.

ULAM, Stanislaw. "Tribute to John von Neumann" in *Bulletin of the American Mathematical Society*. Washington, 1958. Disponível em <<https://docs.google.com/file/d/0B-5-JeCa2Z7hbWcxTGsyU09HSTg/edit?pli=1>> Consultado em 11 de junho de 2012.

RICOEUR, Paul. *Vivant jusqu'à la mort*. Paris: Seuil, 2007.

SLOTERDIJK, Peter. *Sphères III. Écumes. Sphérologie plurielle*. Trad. Olivier Mannoni. Paris: Meta-Éditions, 2013.

VERMEIRE, Simona. *A viralidade em Saramago e Ionesco: humanidades e evolucionismo*. Niemcy: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

VINGE, Vernor. "The Coming Technological Singularity: How to Survive in the PostHuman Era" in *Vision 21: Interdisciplinary Science and Engineering in the Era of Cyberspace*. Landis: NASA, 1993, pp.11-23.

WALD, Priscilla. *Contagious. Culture, Carriers and the Outbreak Narrative*. London: Duke University Press, 2008.